

A Transformação do Figurino em Encantada (2007): Um Estudo Sobre a Personagem Giselle e a Moda

The Transformation of Costume Design in Enchanted (2007): A Study on the Character Giselle and Fashion

La transformación del diseño de vestuario en Encantada (2007): Un estudio sobre el personaje de Giselle y la moda

DOI: 10.5965/259446301012026e8099

Letícia Gabryelle dos Santos de Vasconcelos

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste.

Lattes: 2967473278067431. Orcid: 0009-0005-0262-0654.

E-mail: leticia.gabryelle@ufpe.br

Amilcar Almeida Bezerra

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Lattes: 8461401132385202. Orcid: 0000-0002-5596-9615.

E-mail: amilcar.almeida@ufpe.br



Licenciante: Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, Brasil.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Publicado pela Universidade do Estado de Santa Catarina

Copyright: © 2025 pelos autores.

Submetido em: 25/10/2025

Aprovado em: 12/01/2026

Publicado em: 01/02/2026

Resumo

Este artigo analisa a evolução dos figurinos da personagem Giselle no filme *Encantada* (2007), compreendendo o figurino como elemento narrativo e linguagem visual na construção da personagem. A pesquisa investiga como as transformações do vestuário acompanham o processo de adaptação da protagonista, que vem do universo dos contos de fadas, no mundo real, articulando cinema e moda. Como metodologia, adota-se uma abordagem que combina análise semiótica, análise fílmica e análise de imagem de moda, aplicada a cenas selecionadas do longa. A análise identifica referências a diferentes períodos da história da moda — como a Era Vitoriana, a Belle Époque, a moda dos anos 1950 e dos anos 2000 — evidenciando que cada figurino simboliza etapas do amadurecimento da personagem.

Palavras-chave: Análise de Figurino. Encantada. Cinema. Moda.

Abstract

This article analyzes the evolution of the character Giselle's figure in the film Enchanted (2007), understanding the figure as a narrative element and visual language in the construction of the character. The research investigates how the transformations in clothing accompany the protagonist's adaptation process, who comes from the world of fairy tales, to the real world, articulating cinema and fashion. As a methodology, an approach is adopted that combines semiotic analysis, film analysis, and fashion image analysis, applied to selected scenes from the film. The analysis identifies references to different periods in fashion history—such as the Victorian Era, the Belle Époque, the fashion of the 1950s and the 2000s—showing that each costume symbolizes stages of the character's maturation.

Keywords: Costume Analysis. Enchanted. Cinema. Fashion.

Resumen

Este artículo analiza la evolución de la figura de Giselle en la película Enchanted (2007), entendiendo la figura como elemento narrativo y lenguaje visual en la construcción del personaje. La investigación indaga cómo las transformaciones en la vestimenta acompañan el proceso de adaptación de la protagonista, quien proviene del mundo de los cuentos de hadas, al mundo real, articulando el cine y la moda. Como metodología, se adopta un enfoque que combina el análisis semiótico, el análisis fílmico y el análisis de imágenes de moda, aplicado a escenas seleccionadas de la película. El análisis identifica referencias a diferentes períodos de la historia de la moda, como la época victoriana, la Belle

Époque, la moda de los años 50 y la década del 2000, mostrando que cada traje simboliza etapas de la maduración del personaje.

Palabras clave: *Análisis de Vestuario. Encantada. Cine. Moda.*

1 Introdução

Assim como os demais elementos de cena, os figurinos exercem importantes funções simbólicas na narrativa cinematográfica, contribuindo tanto para comunicar traços de personalidade e estados de espírito das personagens ficcionais quanto para ambientá-las no espaço-tempo de cada situação. Partindo dessa premissa, propomos neste artigo um modelo de análise que compreende o processo criativo do figurino como um fenômeno inserido em estruturas de produção, que dizem respeito tanto ao fazer fílmico propriamente dito, quanto ao universo da moda, entendido como um acervo de signos agenciado pelo(a) figurinista para comunicar aquilo que se deseja sobre a personagem ao longo da narrativa.

A investigação adota uma metodologia que vem sendo aplicada há anos em sala de aula com estudantes de Design, articulando análise semiótica, análise fílmica e análise de imagem de moda. Essa abordagem, desenvolvida no Núcleo de Design e Comunicação da UFPE-CAA, consolida-se como um instrumento de pesquisa que alia teoria e prática para compreender o figurino como linguagem visual e elemento expressivo no cinema. Assim, o estudo contribui para o meio acadêmico intercalando cinema, moda e comunicação visual sob uma perspectiva interdisciplinar, ao expandir o campo de reflexão, ampliando as discussões sobre o figurino como linguagem expressiva e como campo de investigação.

Para a aplicação da metodologia proposta, apoiamo-nos em autores como McCracken (2007), com sua noção de mundo culturalmente constituído como base para a produção criativa em suas mais diversas manifestações; Costa (2002), que traz reflexões sobre o papel do figurino na narrativa cinematográfica; Gemma Penn (2002), propondo uma análise semiótica da imagem em três níveis, apoiada na vertente barthesiana e Julier & Marie (2012), que oferecem um aporte sobre a linguagem cinematográfica, capaz de sustentar nossas análises de imagem em movimento. Tais referências, entre outras, foram organizadas em um protocolo de análise do figurino na

produção cinematográfica, já aplicado em outros casos, como nos filmes *Anna Karenina* (Bezerra; Miranda, 2015) e até mesmo na série *Game of Thrones* (Silva; Bezerra; Pepece; Miranda, 2017).

Neste estudo, utilizaremos esse protocolo para analisar os figurinos da personagem Giselle, interpretada pela atriz Amy Adams, no filme *Encantada* (2007), dos estúdios *Disney*. O musical, dirigido por Kevin Lima, apresenta uma mistura de animação e live-action, com figurinos de época inseridos em cenários contemporâneos. As transformações no figurino de Giselle ao longo da narrativa, gerenciadas pela figurinista Mona May, refletem suas interações no contexto da trama e as mudanças em sua atitude. Além disso, o agenciamento de referências históricas, identificadas através deste trabalho, contribui para comunicar características subjetivas da protagonista. Dessa forma, o filme se torna um caso exemplar do modo como o figurino pode atuar de maneira significativa na narrativa cinematográfica.

2 Pré-Produção

Neste tópico discorreremos os processos e escolhas que antecederam o desenvolvimento da análise, contemplando a delimitação do objeto de estudo, a contextualização do filme *Encantada* (2007) e a identificação dos principais agentes envolvidos em sua concepção estética, com ênfase no diretor, no diretor de arte e na figurinista. Abordam-se ainda aspectos relacionados ao contexto de produção e à repercussão da obra, considerados fundamentais para a compreensão das decisões criativas que orientaram a construção dos figurinos.

2.1 O Filme

Encantada (2007) é um longa-metragem musical dos estúdios *Disney* voltado para o público infanto-juvenil, que mistura cenas de animação e live-action em uma comédia romântica de grande apelo popular. Ao longo do enredo, diversos clichês de filmes de capa-espada, cavaleiros e princesas são parodiados em situações nas quais os personagens encontram-se deslocados no tempo e no espaço, ao surgirem “magicamente” em plena Nova York do século XXI. A história segue Giselle,

uma jovem sonhadora que vive em um mundo maravilhoso, repleto de criaturas mágicas e paisagens deslumbrantes: O Reino de Andalasia.

Andalasia trata-se de um universo animado que invoca elementos de paródia e homenagem ao mundo clássico dos contos de fadas da Disney. Segundo a personagem Giselle, ficaria localizado “depois dos prados da alegria e do vale da felicidade” (Encantada, 2007) e é apresentado no início do filme como um reino vibrante e musical, onde o amor verdadeiro é o principal valor que move as ações de seus habitantes. Marcado por uma estética idealizada e intencionalmente estereotipada, o ambiente é construído em animação 2D, com características tradicionais, apresentando traços arredondados, cores saturadas e movimentos fluidos, contrastando com o live-action do restante da narrativa que retrata o mundo real contemporâneo na sua forma mais cotidiana e urbanizada. Giselle descreve seu reino como um lugar onde “os sonhos se tornam realidade e o amor verdadeiro sempre vence” Edward, o príncipe de Andalasia, declara que nessa terra, o amor é tão evidente que “basta uma canção para encontrar sua alma gêmea” e é justamente durante *True Love’s Kiss*¹ que ele conhece a protagonista, ambos se apaixonam e semelhante ao final de um conto de fadas, partem para o casamento e ao Felizes para Sempre.

Por outro lado, a madrasta de Edward, Rainha Narissa, governa repudiando esses ideais, característica que reforça o arquétipo da madrasta vilanesca dos contos clássicos, com desejos egoístas e sede por poder. Ao ser enganada por ela, disfarçada de uma boa velhinha antes do casamento, Giselle é empurrada em um falso “poço mágico dos desejos” que na verdade era um portal que a transporta para Nova York, um lugar que segundo Narissa “não existe felizes para sempre”. No caótico mundo moderno, Giselle encontra Robert, um advogado pragmático e cético em relação ao amor e às narrativas fantásticas e sua filha Morgan, que ainda é uma garota sonhadora. Conforme Giselle tenta se adaptar, com o auxílio de novos conhecidos, ela se vê dividida entre o amor idealizado do seu mundo encantado e a atração real que sente por Robert. Ao misturar o universo dos contos de fadas com o cotidiano urbano, o filme teve o potencial de capturar a atenção tanto de crianças quanto de adultos.

¹ Disponível em:
<https://youtu.be/diY2ukIfFOg?si=h7zGgTAJY4n5BZ-i>

2.2 Ficha Técnica do Filme

Encantada é uma produção dos estúdios Walt Disney Pictures, em parceria com a Josephson Entertainment e a Right Coast Productions, que se destacou por unir a tradição das animações clássicas da Disney a uma linguagem cinematográfica contemporânea. A direção é assinada por Kevin Lima, cineasta experiente no campo da animação e do cinema familiar. A direção de arte ficou a cargo de John Kasarda, responsável por construir visualmente o contraste entre os dois universos centrais da trama: o reino animado de Andalasia e a Nova York realista onde a protagonista passa a viver. O figurino foi desenhado por Mona May, que trouxe para o filme uma abordagem que combina referências históricas e estilísticas da moda dos contos de fadas transcritas para o live-action.

O elenco principal é composto por Amy Adams, no papel da princesa Giselle; Patrick Dempsey, como o advogado Robert Philip; James Marsden, como o Príncipe Edward; Susan Sarandon, interpretando a vilã Rainha Narissa; e Idina Menzel, como Nancy Tremaine. Ainda conta com participações marcantes de Timothy Spall, no papel de Nathaniel e Rachel Covey, interpretando Morgan, a filha de Robert. Com duração de aproximadamente 107 minutos, foi distribuído mundialmente pela Walt Disney Studios Motion Pictures e recebeu classificação indicativa livre. Encantada estreou nos Estados Unidos em 21 de novembro de 2007 e chegou ao Brasil no início de 2008, alcançando grande sucesso de crítica e público.

2.3 Escolha do Filme

O filme tornou-se popular no Brasil nos anos seguintes por ter sido amplamente televisionado na Sessão da Tarde, quadro dedicado à programação vespertina de filmes na Rede Globo se tornando um clássico dos anos 2000. Ao longo da trama, as mudanças no figurino de Giselle ilustram sua evolução, pois durante a transição do mundo encantado para o mundo real, a personagem é vista usando um vestido longo e volumoso, com a saia rodada e a silhueta que remete ao estilo clássico de princesa. Conforme a personagem se adapta, suas roupas começam a refletir uma transição apresentando menos extravagâncias, com tecidos e cores mais sóbrias. São essas características que marcam a nova persona contemporânea de Giselle e a distanciam da imagem de

apenas uma figura de contos de fadas. Logo, o filme pode ser colocado como um exemplo para percebermos de quais formas o figurino é utilizado enquanto elemento que contribui para a construção da personagem e para dotar sentido à narrativa.

2.4 Repercussão Midiática

O filme foi lançado em um momento de transição entre as últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI, período em que a indústria cinematográfica passou a explorar com mais intensidade a combinação de animação e live-action. Esse contexto ajudou a moldar a forma como o público percebeu o filme que, ao misturar o universo dos contos de fadas com o cotidiano urbano e moderno, capturou a atenção tanto de crianças quanto de adultos. Sucesso de bilheteria nas salas de Cinema, tendo arrecadado mais de 340 milhões de dólares em todo o mundo com um orçamento de cerca de 85 milhões (IMDB).

O filme recebeu diversas indicações e premiações, incluindo o Globo de Ouro, em 2008, por Melhor Atriz em Filme de Comédia ou Musical para Amy Adams. Também foi indicado ao Oscar na categoria de melhor canção original com “That’s How You Know” de Alan Menken e Stephen Schwartz. Durante a cerimônia do Oscar de 2008, as canções foram apresentadas ao vivo. Amy Adams interpreta pessoalmente “Happy Working Song²” no palco, em uma performance que recriou parte da sequência doméstica do filme, enquanto “So Close³” foi apresentada pelo cantor Jon McLaughlin, acompanhado de orquestra, recriando a atmosfera romântica do baile final. No mesmo ano, foi premiado no Critics Choice Awards como Melhor Filme Familiar. Culturalmente, Encantada influenciou uma geração de jovens que, ao assistir ao filme, vivenciou uma revisão moderna do conceito de conto de fadas marcada pela era da Pós-Renascença dos filmes da Disney⁴.

2.5 Porquê Analisar os Figurinos de Giselle?

As personagens que mais se destacam através de seus trajes e chamam atenção ao assistir, são as que saem de Andalasia e vêm para o mundo real. A caracterização de cada um deles foi cuidadosamente pensada para projetar roupas que não só remetem ao imaginário de contos de fadas, mas também para transmitir visualmente a magia e a inocência do mundo

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTcBeEdCNJk>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qb9o2FTtc6Y>

⁴ Período entre 2000 e 2008 que a Walt Disney Animation Studios marcou por experimentação tecnológica mesclando animação tradicional e CGI (THE DISNEY CLASSICS, 2020).

encantado. O contraste entre o maravilhoso e o urbano a partir da chegada em Nova York, só reforça o deslocamento das personagens, além de também realçar o choque cultural na interação com as pessoas “reais” e a dificuldade de adaptação ao novo mundo. Dessa forma, para além de ser a protagonista do filme, Giselle tem sua jornada de adaptação refletida em suas composições de figurino. A partir do momento que se inicia o live action no filme, Giselle traja 4 (quatro) tipos diferentes de vestido, os quais se modernizam gradativamente com base em diferentes períodos da história da moda.

O primeiro vestido aparece na cena da *Times Square*, em que a princesa, expulsa por Narissa, é empurrada em um poço mágico que a leva para um bueiro dentro do mundo real, em uma cena que demonstra claramente sua inadequação neste novo espaço. O segundo vestido, foi confeccionado pela própria Giselle, já inserida na realidade moderna, a partir de uma cortina azul na casa de Robert. Ela usa a peça durante o número musical mais famoso do filme, no qual demonstra como aos poucos ela vai se adaptando com as pessoas e o ambiente fora de seu contexto encantado, além de a vivência e a magia inerente à Giselle, devido a sua origem, influencia o mundo real a ter mais encanto.

O terceiro vestido, também feito por Giselle, a partir de um tapete no quarto de Morgan, é utilizado na cena em que a protagonista reencontra-se com o Príncipe Edward, que permanece do começo ao fim do filme com seu traje “encantado”, contrastando cada vez mais com Giselle, que vai se tornando uma mulher moderna com o passar do filme. Por fim, a evolução é demonstrada na cena do baile, caminhando para o final do filme, em que os demais personagens estão fantasiados como príncipes e princesas, porém Giselle aparece com um vestido contemporâneo, comprado em uma loja e com uma paleta mais escura da que costumava criar suas roupas, provando assim que é nesse novo mundo que ela quer ter seu verdadeiro “felizes para sempre”. Ao contrário das princesas tradicionais que se limitavam a papéis passivos, Giselle se destaca pois, não apenas mantém sua visão idealista, mas também aprende a enfrentar as dificuldades do mundo real e se integra a ele. Ela evolui de ser apenas um estereótipo de princesa encantada e se torna uma mulher que, ao longo do filme, encontra seu próprio caminho e aprende a ser mais forte.

2.6 Trajetórias dos Envolvidos

Antes de se tornar diretor, Kevin Lima trabalhou como animador e designer de personagens em filmes como *A Pequena Sereia* (1989) e *Aladdin* (1992). A estreia de Kevin Lima como diretor ocorreu com *Pateta O Filme* (1995), seguida por *Tarzan* (1999). Foi com *Encantada* que sua carreira atingiu, segundo ele próprio, seu marco mais significativo (Quahog, 2009). Lima não voltou a liderar nenhum outro projeto de sucesso comercial pela Disney, possivelmente devido à produção conturbada, com diversas adaptações de roteiro levadas por divergências criativas com a empresa. Nem mesmo a continuação do filme, *Desencantada* (2022), lançada diretamente na plataforma Disney+, comandada então pelo diretor Adam Shankman, que não obteve o mesmo sucesso.

Kasarda, que assina a direção de arte, é reconhecido pela capacidade de transitar com desenvoltura entre diferentes estilos e cenários. Sua tarefa de criar espaços que complementam e fortalecem a narrativa alcançou outro patamar de desafio em *Encantada*, pois tornou-se necessário desenvolver criações que integrassem a estética de animação tradicional a uma live-action encenada em contexto urbano contemporâneo. Sua experiente filmografia inclui filmes de sucesso como *Anjos na América* (2003) pela Avenue Pictures Productions e *Foi apenas um sonho* (2008) da DreamWorks Pictures, em parceria com a BBC Films e a Neal Street Productions. Porém, desde 2010, quando trabalhou em *Amor à distância* (2010), sua atuação no mainstream se restringe ao design de produção de alguns episódios de séries como *Allegiance* (2015), *The Tick* (2016-2019) e *The Calling* (2022), que não tiveram tanta repercussão.

A atriz Amy Adams, responsável por dar vida à Giselle, iniciou sua carreira primeiramente no teatro musical, onde começou a desenvolver suas habilidades de canto e atuação. No entanto, foi no cinema que ela realmente ganhou destaque. Seu papel como Giselle foi um marco em sua trajetória, com sua capacidade de entregar uma performance encantadora e cômica, que capturou a atenção tanto de críticos quanto do público. A personagem estabeleceu Adams como uma estrela em ascensão de Hollywood.

Ao longo de sua carreira, Amy Adams demonstrou uma notável versatilidade ao transitar entre diferentes gêneros cinematográficos. Ela

participou de filmes aclamados pela crítica como: *Prenda-me se for Capaz* (2002) e *Bem Acompanhada* (2005), dos quais sua performance foi altamente elogiada. Em *Animais Noturnos* (2016), a atriz interpreta uma mulher em crise, mostrando seu talento em papéis mais dramáticos e complexos. Sua carreira tem sido amplamente reconhecida por sua notável versatilidade e pela capacidade de transitar entre diferentes gêneros e tonalidades emocionais sem perder a coerência de sua persona artística. A força de Adams está em sua habilidade de “alternar entre a ingenuidade luminosa e a intensidade emocional mais sombria”, característica que a torna uma das intérpretes mais completas de sua geração. Essa combinação de leveza e profundidade confere à atriz uma presença singular no cinema contemporâneo (Hsu, 2014).

Por isso, a persona de Adams é frequentemente associada à autenticidade e à acessibilidade, reforçadas por uma presença discreta na mídia e pela ausência de controvérsias. Ela reflete uma transição gradual de papéis mais idealizados e românticos para personagens marcados por maior densidade psicológica e realismo. Sua capacidade de unir ingenuidade e profundidade, leveza e densidade, faz com que suas atuações ultrapassem os estereótipos (Siroky, 2019).

A figurinista Mona May é uma das profissionais mais requisitadas em produções comerciais da indústria audiovisual norte-americana pelo menos desde os anos 1990. Trabalhou em produções para o cinema e para a TV que marcaram época, como *As patricinhas de Beverly Hills* (1995) e *Romy e Michelle* (1997), consideradas referências incontornáveis da moda dos anos 1990 por publicações como as revistas *Elle* e *Vogue*. Em 2007, foi indicada ao Costume Designers Guild Award por seu trabalho em *Encantada*. Ela é reconhecida por seu estilo vibrante, feminino e detalhista. Sua abordagem combina influências da moda dos anos 1990 com uma sensibilidade contemporânea, resultando em figurinos que são simultaneamente modernos e atemporais. Costuma criar roupas que valorizam as formas do corpo dos atores, integrando elementos de alta-costura e humor, de modo a refletir a personalidade e a jornada de cada personagem (Williams, 2020).

Em *Encantada*, May enfrentou o desafio de transitar entre três mundos distintos: a animação tradicional da Disney, a realidade urbana de Nova

York e a fantasia digital. Para isso, ela colaborou estreitamente com animadores e utilizou técnicas de design que permitiram uma transição fluida entre esses universos. Os figurinos foram projetados para manter a essência “Disney”, ao mesmo tempo em que incorporaram elementos da moda contemporânea, criando um equilíbrio visual entre o clássico e o moderno (Williams, 2022).

Figura 1: Concepts dos vestidos de Giselle.



Fonte: Galeria do Site da Figurinista Mona May⁵, 2007.

As imagens adicionadas devem ter bom tamanho de visualização e boa qualidade. Não podem ter direitos autorais alheios a autoria do texto submetido. Se for obra de arte, seguir norma de ficha técnica: Autoria, título, ano, técnica, acervo. Título da figura acima da imagem e fonte abaixo.

3 Fundamentação Teórica

O conceito de mundo culturalmente constituído, proposto por Grant McCracken (2007) para compreender de que maneira se movimentam os significados dos bens de consumo na sociedade contemporânea, faz alusão ao “mundo da experiência rotineira, em que o mundo dos fenômenos se apresenta, aos sentidos individuais, plenamente formados e constituídos pelas crenças e premissas de sua cultura” (McCracken, 2007, p. 101). Seria, segundo o próprio autor, uma espécie de “planta baixa” da cultura, que serviria como baliza para as interpretações e valorações dos indivíduos sobre pessoas, artefatos e situações que presenciam (reais ou fictícias) ou vivenciam. Assim, os significados atribuídos pelos indivíduos aos bens de consumo teriam sua origem no conjunto de valores e premissas peculiares

⁵ Disponível em:
<https://www.monamay.com/enchanted>

a um mundo culturalmente constituído. Essa formulação pode explicar, por exemplo, porque produções cinematográficas de alto orçamento recorrem cada vez mais a parcerias com marcas de moda consagradas, adicionando, por meio do figurino, camadas de sentido a determinados personagens da trama. Esse conceito também possibilita analisar o processo criativo do figurino no cinema como um processo de reciclagem de símbolos e mitos, análogo a outros processos criativos inerentes à indústria cultural.

Em meados dos anos 1930, Walter Benjamin, parafraseando o produtor, cineasta e escritor francês Abel Gance, já profetizava que todos os mitos aguardavam sua “ressurreição luminosa” no cinema (Benjamin, 1996). O cinema é dedicado às massas, pois dialoga com os mitos e símbolos do mundo culturalmente constituído, que lhe serve de matéria-prima. Funciona como uma fábrica do sonho coletivo contemporâneo e, com sua extraordinária capacidade de produzir e reproduzir narrativas, cria novas mitologias. Nesse sentido, a indústria cinematográfica tanto se alimenta de referências do sistema da moda (Barthes, 2009) — parte do mundo culturalmente constituído — quanto contribui para sua dinâmica de constante transformação. Os valores, mitos e símbolos são condensados em narrativas audiovisuais e consumidos pelo público. Sendo o cinema uma arte coletiva, entendemos que esse trabalho de reciclagem é operado por diversos integrantes da equipe de produção, entre os quais se destacam, para os objetivos desta pesquisa, o diretor, o diretor de arte (ou designer de produção) e a figurinista.

Adotamos aqui o conceito de mito alinhado à perspectiva de Barthes (2001) e operacionalizado por Penn (2002) em sua proposta de análise semiótica de imagens: mitos são narrativas (verbais ou não verbais) de ampla aceitação que instituem valores e hierarquias éticas e estéticas em uma sociedade. O trabalho de desconstrução dos mitos é transgressor, pois relativiza os valores que eles instituem. Contudo, a interpretação senso-comum tende a endossar a ordem de valores instituída pelos mitos. Essa interpretação hegemônica apoia-se no mundo culturalmente constituído, onde repousam os códigos de referência para a interpretação dos símbolos. Assim, o cinema é produtor e reproduzidor de mitos contemporâneos em constante interação com o imaginário do público. Dessa forma, nosso objetivo é, em um dado nível de análise, identificar no figurino da

protagonista como essas referências consagradas são agenciadas para a construção da personagem.

Aplicamos também o conceito de persona (McCracken, 2012) para designar os atributos simbólicos associados à imagem da celebridade que protagoniza o filme. Esses atributos resultam do acúmulo de narrativas construídas em torno da imagem pública da celebridade, seja por meio de outros filmes, publicidade, aparições públicas ou, cada vez mais, redes sociais. Essa persona pode ser mais ou menos coerente e a narrativa do filme pode ou não endossar as características previamente construídas. No caso da atriz Amy Adams, destaca-se a naturalidade com que transita entre papéis mais densos e dramáticos e personagens mais leves. A partir da análise aplicada mais a frente nos figurinos do filme Encantada, será possível notar o agenciamento de referências históricas da moda para representar, por meio das vestes, a mudança de atitude da personagem diante do novo contexto em que se encontra. Ao mesmo tempo, o figurino sugere uma personalidade feminina que se descola do estereótipo da princesa encantada em busca do amor idealizado, dialogando ativamente com o estilo de vida moderno.

4 Metodologia

Propomos, como método inicial, reconstruir o contexto de pré-produção do filme, com ênfase nos principais responsáveis pela concepção e execução dos elementos visuais e do figurino da trama: o diretor, o diretor de arte, a atriz e a figurinista. Conhecer quem são esses profissionais e suas trajetórias fornece indícios valiosos para compreender as marcas de seus estilos e suas escolhas criativas, funcionando como uma ferramenta adicional na interpretação das imagens. Avaliar a repercussão do filme também nos permite dimensionar seus efeitos no mundo culturalmente constituído, isto é, compreender de que maneira a obra pode ter influenciado a moda e o comportamento em determinado momento histórico. Tudo o que envolve o filme, desde os processos anteriores à produção até os desdobramentos que ocorrem durante e após seu lançamento, torna-se, em maior ou menor grau, relevante para a compreensão de seu impacto cultural. Por esse motivo, apresentamos, no início deste artigo, uma explicação mais detalhada de alguns aspectos da

pré-produção e da repercussão da obra. Identificar os principais artífices de sua construção estética é fundamental, uma vez que o filme tende a refletir as marcas estilísticas dos profissionais envolvidos em seu processo criativo.

Em seguida, propomos um modelo de análise semiótica de cenas selecionadas do filme, com foco central no figurino da protagonista, buscando compreender de que modo os elementos visuais colaboram para a construção simbólica da personagem e de seu percurso narrativo. Inspirando-se na metodologia de Gemma Penn (2002) para imagens paradas, na proposta de análise de figurino de Maciel & Miranda (2009) e no modelo descritivo e interpretativo de planos e movimentos de câmera de Jullier e Marie (2012). O objetivo é sistematizar os processos de significação que, embora ocorram simultaneamente, podem ser analiticamente distinguidos para explicitar a complexidade das imagens cinematográficas e suas relações com figurinos, personagens e narrativa. Assim, o modelo propõe uma análise semiótica de matriz barthesiana, estruturada em três níveis: denotativo, conotativo e mítico.

O nível denotativo corresponde à fase descritiva, em que se elabora um inventário detalhado dos elementos visuais. O analista deve contextualizar a cena e descrever as ações, gestos e posturas dos personagens, os enquadramentos e movimentos de câmera e as características visuais dos figurinos (formas, cores, materiais e composição) relacionando-os à ambientação e ao desenrolar da narrativa. Planos e movimentos (*close up*, plano geral, *travelling*, câmera alta ou baixa etc.) são descritos em função de sua contribuição narrativa. Essa etapa busca ler a “frase visual”, ou seja, compreender como a combinação de figurino, corpo, cenário e som constrói uma unidade significativa. O resultado é um sintagma visual: uma descrição detalhada que fundamenta a interpretação posterior.

O nível conotativo refere-se ao campo das associações simbólicas e dos efeitos de sentido produzidos pelas relações entre os elementos descritos. Aqui se interpreta o que as imagens “sugerem” culturalmente, conforme os léxicos (Barthes, 2009) mobilizados: repertórios culturais, artísticos, midiáticos e estéticos que orientam tanto a criação quanto a recepção. A análise conotativa requer identificar como e por que determinadas escolhas de figurino, cenário ou iluminação foram feitas, considerando que

todos os componentes visuais foram conscientemente organizados para gerar significados específicos. Importa, nesse nível, o parecer das coisas, o modo como um tecido, cor ou textura se apresenta na imagem, pois o olhar analítico incide sobre a representação, não sobre a materialidade real. O foco é compreender os efeitos narrativos e simbólicos produzidos pela composição estética e sua inserção em um universo cultural partilhado.

Por fim, o modelo reconhece que o nível mítico, embora não detalhado neste excerto, corresponderia à instância mais profunda da significação, na qual se cristalizam valores, ideologias e arquétipos culturais incorporados pela narrativa audiovisual. Este modelo de análise destaca-se por articular de forma integrada a análise semiótica, a análise fílmica e a análise da imagem de moda, permitindo uma leitura aprofundada do figurino como linguagem visual e elemento narrativo. Ao combinar níveis denotativos, conotativos e míticos, o método possibilita compreender não apenas os aspectos formais do vestuário, mas também seus significados culturais, históricos e simbólicos no contexto cinematográfico. Diferentemente de abordagens mais descritivas ou restritas ao campo da moda, este modelo evidencia o figurino como um sistema de signos em diálogo com a narrativa, o corpo e o imaginário coletivo, ampliando seu potencial analítico e interpretativo.

5 Escolhas das Cenas

Cada cena foi selecionada por sua relevância narrativa e pela maneira como o figurino interage tanto com o ambiente quanto com os demais personagens. A análise considera a progressão visual e simbólica do traje de Giselle ao longo da narrativa, evidenciando o modo como o figurino reflete e acompanha seu processo de transformação interior. Na primeira cena, observa-se o deslocamento da personagem, que surge com um exuberante vestido de princesa em meio ao cotidiano urbano de Nova York. O contraste entre o figurino claro e esvoaçante com o cenário escuro e caótico reforça o choque entre os dois mundos: o conto de fadas idealizado e a realidade pragmática da cidade. Esse conflito visual traduz o estranhamento da protagonista diante de um espaço regido por outras lógicas e valores. A segunda cena evidencia um momento de adaptação. A perda gradual do volume e do excesso nos trajes da personagem simboliza

o início de uma integração com o novo contexto. Giselle começa a interagir de forma mais natural com o ambiente e com as pessoas ao seu redor, transformando o espaço urbano inicialmente hostil, em algo mágico e acolhedor, sobretudo durante o número musical “That’s How You Know”, em que o figurino funciona como elo entre o imaginário e o real.

Na terceira cena, nota-se o amadurecimento da personagem, traduzido por um figurino de linhas mais simples e modernas, que acompanha sua evolução emocional e racional. O vestido menos fantasioso e mais funcional reflete o equilíbrio entre a ingenuidade original e a consciência adquirida através da experiência no mundo real. Por fim, a quarta cena consolida o pertencimento de Giselle ao universo concreto em que agora vive. O figurino final simboliza sua aceitação do novo modo de vida e das relações que construiu. Essa transformação estética sintetiza o arco de desenvolvimento da personagem: do seu sonho encontrado na realidade.

6 Análise de Figurinos

Neste tópico, desenvolve-se a análise dos figurinos da personagem Giselle a partir de cenas selecionadas do filme *Encantada* (2007), com base no modelo metodológico proposto. Examina-se de que modo os elementos formais e simbólicos do vestuário em articulação com a narrativa fílmica e os enquadramentos cinematográficos. Busca-se compreender de que modo os figurinos acompanham e expressam visualmente o percurso de transformação da personagem, evidenciando sua adaptação progressiva do universo idealizado dos contos de fadas para o contexto contemporâneo.

6.1 Primeira Cena⁶

A primeira cena de análise ocorre do minuto 11:35 até 14:53 do filme (ver figura 2). Narissa, a madrasta de Edward e atual Rainha de Andalasia, havia acabado de enganar Giselle se disfarçando de uma velhinha, a empurrando em um “poço dos desejos” que a fez se transformar de animação para uma pessoa de verdade. A cena inicia com ela saindo de um bueiro na Times Square, completamente impressionada com a visão caótica gerada pelas diversas luzes dos letreiros e sons de buzinas. Na roupa de casamento da personagem podemos observar uma referência direta em cor e modelo

⁶ Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=OgpcCIDLf8Q>

com o vestido de baile de Cinderela (ver figura 2) feito pela Fada Madrinha na animação de 1950, pela Disney.

Figura 2: Cena da Times Square em Encantada e cena da transformação em Cinderela.



Fonte: Frames retirados dos respectivos filmes Encantada (2007) e Cinderela (1950), ambos dos estúdios Disney.

Em ambos os filmes, os vestidos podem representar a materialização de um sonho se tornando realidade. Para Cinderela, por ser uma chance de ir ao baile real após seu vestido original ser destruído e para Giselle, por representar o início do seu idealizado “felizes para sempre”, que teria ao se casar com Edward.

Os dois vestidos transmitem inocência e um elemento de magia, que traz destaque às personagens de diferentes formas: Cinderela no baile chama atenção de todos os convidados, principalmente do príncipe e Giselle chama atenção por se deslocar completamente do contexto inserido de Nova York.

A cena prossegue mostrando Giselle *close-ups* em suas expressões e uma câmera agitada a acompanhando assim que percebe o quão estranho e assustador aquele novo local se mostra. Ela fica completamente assustada, quase sendo atropelada e tentando falar com as pessoas que passam por ela, pedindo ajuda. Diferente do que acontece em Andalasia, onde todos

cantam e interagem em perfeita harmonia, as pessoas de Nova York ignoram Giselle ou a olham com estranheza.

Após acabar pegando um metrô sem querer e parasse encontrar em uma parte menos agitada da cidade, ela se encontra sozinha e frustrada, ainda agindo como uma personagem pura de coração, à mercê das estranhas circunstâncias. No final da cena, quando tem sua tiara roubada por uma pessoa em situação de rua, ela tenta correr atrás inicia uma chuva que bagunça o seu cabelo e roupas, retirando toda aquela figura perfeita de princesa que ela emanava e dando mais drama pela sua situação.

O vestido de casamento de Giselle, criado pela mesma, além de remeter à Cinderela, possui também referências históricas de vestidos reais da Era Vitoriana (ver figura 3), que corresponde ao período do reinado da Rainha Vitória do Reino Unido, entre 1837 e 1901. A época foi marcada pelo auge do Império Britânico, cobrindo um quinto do mundo e tornando a Grã-Bretanha a maior potência econômica.

O poder recai sobre o estilo das roupas do período, que refletiam moralidade, status e conservadorismo, principalmente no vestuário feminino e funcionava tanto como símbolo de elegância e poder, como também de restrição e desigualdade. As principais características são: a saia volumosa, o decote profundo em V, as mangas bufantes e a textura do tecido rico em camadas, com detalhes delicados.

Figura 3: Imperatriz Sissi e o primeiro vestido de Giselle



Fonte: Portrait of Empress Elisabeth of Austria⁷ (Winterhalter, 1865). / Frame retirado do filme Encantada (Disney, 2007).

Os vestidos da regência vitoriana também tendem a ter uma ênfase maior na cintura fina, junto com a saia armada, resultado do uso de crinolinas ou anáguas. As peças eram feitas a partir de seda e cetim, tal qual o de Giselle, para criar uma sensação de fluidez e elegância. Há também o uso de rendas elaboradas, bordados e muitas vezes padrões florais ou referentes à natureza meticulosamente detalhados. A cor branca era utilizada com uma simbologia forte de pureza e inocência refletindo sua personalidade encantada, como também sua transição para a realeza. Esse contexto todo, quando trazido para a vida real, demonstra o quanto ela estava deslocada de seu redor, passando visualmente o ar de uma princesa em apuros para além de suas ações, trejeitos e falas.

6.2 Segunda Cena⁸

A segunda cena analisada, que se estende do minuto 47:42 até 51:56 (ver figura 4), ocorre o número musical “That's How You Know”, em que Giselle interage com personagens da vida real, cantando e dançando.

As filmagens foram feitas de forma lúdica, mostrando uma coreografia que remete a produções musicais, trazendo um momento cômico ao apresentar Robert, que acompanhava a protagonista na cena, bastante confuso por

⁷ Disponível em:
<https://rainhastragicas.com/2021/05/12/imperatriz-da-moda-o-esplendoroso-estilo-de-elisabeth-sissi-da-austria/>

⁸ Disponível em:
<https://youtu.be/Mj3sNBjzmZs?si=v8vz5ADhYmi007Ww>

perceber que todos ao redor já conheciam a música e todos os passos da dança. O vestido dessa cena, também feito por Giselle, já demonstra diferenças significativas se comparado ao primeiro, referenciando agora a personagem Ariel (ver figura 4) durante seu passeio pela cidade com o príncipe Eric, na animação A Pequena Sereia (1989) dos estúdios Disney.

Ambos os trajes são azuis, com perda significativa de volume em comparação aos primeiros vestidos que ambas utilizam anteriormente em seus respectivos filmes: Giselle com seu branco de noiva e Ariel com seu rosa, cedido no castelo do príncipe Eric. Em Encantada, esse novo vestido pode ser interpretado como uma representação visual de Giselle sentindo-se um "peixe fora d'água" no mundo moderno, mas aberta a se adaptar. Isso pode ser observado quando a personagem utiliza as cortinas da casa de Robert para fazer o vestido, utilizando o que tinha disponível no novo contexto e identificando um tecido mais leve produzindo um corte que a ajuda a transitar mais livremente pelos lugares.

Tal qual o contexto na animação, Eric e Robert possuem o mesmo paralelo físico e narrativo, sendo morenos de olhos azuis, que acabam se envolvendo romanticamente com mulheres ruivas vindas de um outro mundo e começam a se apaixonar a partir de um passeio inusitado juntos e um número musical que invoca questões românticas e de declaração amorosa.

Figura 4: Cena do musical em Encantada e cena do barco em A Pequena Sereia.



Fonte: Frames retirados dos respectivos filmes Encantada (2007) e A Pequena Sereia (1989).

O novo vestido possui uma silhueta marcada na cintura e uma saia ampla, não exagerada em volume, de tecido leve e esvoaçante, com camadas sutis em tons rosados. Possui um decote suave com elementos mais modernos e poucos detalhes ornamentais, apenas bordados levemente dourados e brilhantes. Em questão de referência histórica, podemos observar inspirações na moda da Belle Époque, um período que se estendeu entre o final do século XIX e início do século XX, marcado por otimismo e paz na Europa após o fim da Guerra Franco-Prussiana. A moda refletia uma sociedade de elite e o início das mudanças com a crescente emancipação feminina. As silhuetas mais rígidas e volumosas do período vitoriano são abandonadas e vão em direção a uma estética mais fluida e natural. A chamada *silhueta Império*, com a cintura alta logo abaixo do busto, tornou-se uma característica marcante, permitindo maior liberdade de movimento e conforto. Como retratado na pintura de Sargent (ver figura 5), utilizavam-se saias mais retas, com caimentos mais suaves e frequentemente com pequenas caudas com detalhes delicados, como bordados finos, rendas e adornos sutis.

Figura 5: Millicent, Duquesa de Sutherland e segundo vestido de Giselle.



Fonte: Portrait of Millicent, Duchess of Sutherland⁹ (Sargent, 1904). / Frame retirado do filme Encantada (Disney, 2007).

⁹ Disponível em:
<https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/sargent-john-singer/portrait-millicent-duchess-sutherland>

O ato de Giselle criar esse estilo de vestido poderia estar atrelado tanto pelo material disponível, já que ela o fez recortando a cortina da sala de Robert, mas também para lhe dar maior facilidade de locomoção pelos lugares. Essa última razão conversa com o contexto do filme, se levamos em consideração que na noite anterior as pessoas a empurravam por ocupar muito espaço na rua, ou até mesmo quase não passava pela porta do apartamento de Robert devido à crinolina.

Esse figurino é um reflexo da mudança de época, em que o novo foco era promover a libertação feminina com uma estética mais natural e graciosa, fato que pode ser ligado à jornada de Giselle nesse ponto do filme, aos poucos se tornando uma mulher do mundo real e se desvencilhando da fantasia. Ao mesmo tempo, a personagem não deixa de perder seu encanto e magia advindos de seu mundo, elementos que são utilizados como explicação para que ela influencie o início de um número musical com pessoas comuns ou até mesmo quando pede para pombos urbanos entregarem flores em nome de Robert para Nancy, a atual namorada do personagem.

6.3 Terceira Cena¹⁰

A terceira cena se passa dentre os minutos 1:08:41 e 1:10:33 (ver figura 6), em que vemos o Príncipe Edward reencontrando Giselle na casa de Robert. O personagem a pela cintura e a gira no ar em comemoração, em um estilo que remete aos filmes clássicos da Disney, o qual é comumente feito após os personagens enfrentarem adversidades e costuma acontecer mais próximo do fim nos filmes. Ainda preso no estereótipo de príncipe encantado, Edward permanece com suas atitudes de querer atacar tudo e todos para proteger sua amada, ou até mesmo de começar a cantar do nada um dueto de amor, se ajoelhando diante dela. Entretanto, nesse ponto do filme Giselle se encontra ainda mais integrada no mundo real e, ao invés de cantar de volta, propõe um encontro para que ambos se conheçam de verdade.

Essa cena, dentre as animações da Disney, faz referência com a interação entre Tarzan e Jane, na animação *Tarzan* de 1999 (ver figura 6). Temos em ambos os filmes os homens com vestes inalteradas, advindas de seus universos e mais primitivas em comparação com as mulheres, que por sua vez contrastam pelas roupas mais modernas e posturas mais racionais.

¹⁰ Disponível em: https://youtu.be/gh-DivigYAM?si=VEpFI_r5VR3nfQyZ

Também há a presença da completa paixão de Tarzan e Edward por Jane e Giselle, respectivamente, sem entenderem as respectivas questões que as impedem de retribuírem seus sentimentos românticos.

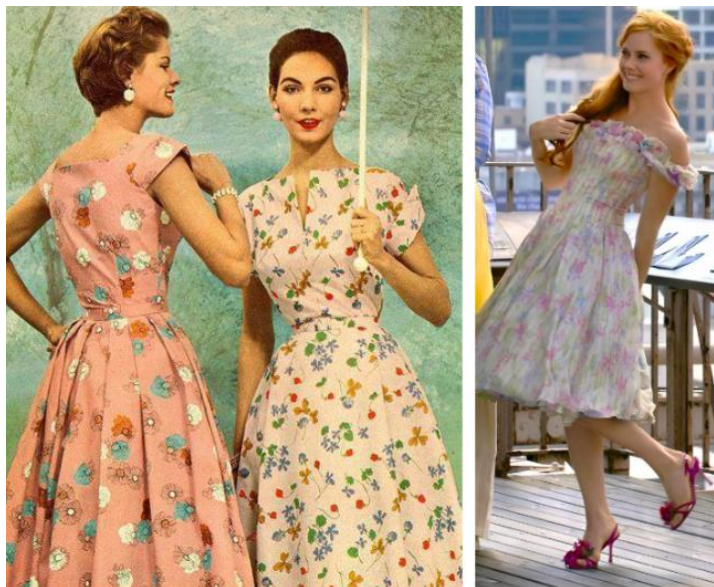
Figura 6: Cena do reencontro em Encantada cena de despedida em Tarzan.



Fonte: Frames retirados dos respectivos filmes Encantada (2007) e Tarzan (1999) dos estúdios Disney.

Giselle fez o vestido desta terceira cena (ver figura 7) com o tapete do quarto de Morgan (filha de Robert), o que traz ao vestido um tom claro e estampa levemente floral. Desta vez ela adota na modelagem uma silhueta A-line, com a cintura marcada e a parte superior ajustada ao corpo. A saia possui comprimento até os tornozelos, sendo mais fluida e sem grandes volumes. Essas características são muito marcantes dos vestidos produzidos nos anos 50 (ver figura 7), época marcada pelo retorno do glamour pós-Segunda Guerra Mundial, com o icônico "New Look" de Christian Dior, definindo a silhueta feminina e dando um tom romântico e casual.

Figura 7: Vestidos dos anos 50 e terceiro vestido de Giselle.



Fonte: Blog da Maria C. Legari¹¹, 2017. / Frame retirado do filme Encantada (Disney, 2007).

A escolha desse figurino conversa com o contexto do filme, em que o espectador, junto com Giselle, entende cada vez mais que os sonhos e desejos da protagonista não acontece por alguma coincidência de um mundo encantado, mas sim por escolha própria dela. Ao querer um encontro com Edward, mesmo tentando fazer dar certo, a personagem percebe que ele não se encaixaria mais aos ideais que ela construiu nesse novo mundo, já que o príncipe não compreendi as mudanças em sua vida. A partir disso, Giselle se dá conta, de forma gradual, que seu verdadeiro “príncipe encantado”, ao qual sempre aguardou, não era o governante de Andalasia, mas sim Robert, que está presente durante a cena do encontro, porém em segundo plano, ao fundo com sua filha Morgan.

6.4 Quarta Cena¹²

A quarta cena tem início no minuto 1:20:02 e término no minuto 1:24:08 (ver figura 8) e nela acompanhamos o baile em que Giselle, ao invés de ir ao evento com um vestido feito por ela mesma, decide utilizar uma peça comprada em uma loja, assim destoando completamente das demais pessoas que estavam com trajes, que podiam ser lidos como de época ou de contos de fada.

¹¹ Disponível em:
<https://blogdamaricalegari.com.br/2017/06/11/historia-da-moda-de-1950-a-1960/>

¹² Disponível em:
https://youtu.be/peZF_UNe-7c?si=GhL2QdOtboO1VBW_9

A cena traz elementos de referência à animação *Bela e a Fera* (Disney, 1991) no salão do castelo (ver figura 8), elaborada como um momento íntimo, romântico e mágico. Robert, tal como a Fera, está no baile vestindo azul, justamente a cor que Giselle idealizou para o príncipe de seus sonhos. O vestido de Bela é um amarelo volumoso enquanto o de Giselle é oposto: um roxo que marca o contorno de seu corpo. Ainda assim, em ambos os filmes há a adaptação e aceitação das diferenças dos casais, com cada um dos integrantes fazendo o esforço de mudar seus comportamentos e crenças pelo outro. Ademais, as cenas são embaladas por valsas, que neste contexto são músicas que revelam as necessidades e dilemas de suas relações. Na cena, canção cantada por Jon McLaughlin, *So Close*, emociona Giselle e Robert, fazendo com que esqueçam completamente do seu redor e de seus respectivos acompanhantes, com um movimento de câmera que faz o telespectador sentir que está junto a eles, testemunhando um amor proibido.

Figura 8: Cena do baile em *Encantada* e cena da valsa em *A Bela e a Fera*.



Fonte: Frames retirados dos respectivos filmes *Encantada* (2007) e *A Bela e a Fera* (1991).

Como já mencionado, o vestido de baile (ver figura 9) de Giselle possui um tom escuro de roxo, com um comprimento longo justo ao corpo e a saia fluindo a partir da linha da cintura. O design é simples, no sentido de que não possui muitos adornos ou detalhes excessivos. O modelo, brilho, tecido e o decote eram muito populares nos anos 2000, especialmente para eventos formais ou festas sofisticadas (ver figura 9). Essa silhueta

colada era muitas vezes usada para transmitir uma imagem de sofisticação e sensualidade. A popularidade de tecidos elásticos, como jersey e cetim, ajudou a criar essa aparência, em que muitos vestidos tinham decotes profundos, seguindo um estilo minimalista com linhas limpas.

Figura 9: Vestidos anos 2000 e quarto vestido de Giselle.



Fonte: Courteney Cox Wore a Bra and Sheer Top on the Red Carpet With Rachel and Phoebe¹³. / Frame retirado do filme Encantada (2007).

Nesse ponto do filme, o vestido de Giselle compõe, junto a demais elementos na narrativa, a simbologia de sua transição definitiva para a realidade. Ela se destaca em meio a todos que estavam fantasiados, mas ao contrário da primeira cena em que estava completamente perdida e deslocada, a protagonista se sente confortável e integra-se ao ambiente, principalmente quando fica perto de Robert. A escolha do figurino pode demonstrar que ela já não representa mais a fantasia da princesa em busca de um final feliz idealizado, mas uma versão realista de uma mulher que agora encontrou seu próprio caminho para a felicidade. Ela abraça a realidade com um visual que une seus sonhos com uma nova perspectiva, aceitando as complexidades da vida real e as escolhas que a acompanham.

Para além, ao observar o vestido do baile e compará-lo ao que ela usava em Andalasia, no início do filme, antes de conhecer Edward (ver figura 10),

¹³ Disponível em:
<https://www.whowhatwear.com/courtney-cox-jennifer-aniston-red-carpet>

podemos perceber que ambas as peças possuem semelhanças estruturais e simbólicas, ainda que pertençam a contextos completamente distintos. No universo animado, o vestido já se destaca por apresentar linhas mais simples e fluidez de movimento, tal qual o vestido de baile, ao se diferenciar com o estilo de trajes dos demais personagens do reino encantado. Isso mostra que mesmo imersa no ideal romântico, ela já carregava traços de modernidade e independência inconscientemente consigo.

Figura 10: Primeiro figurino de Giselle em Andalusia



Fonte: Galeria do Site da Figurinista Mona May¹⁴.

O vestido de Andalusia representa o início da jornada, quando a personagem vivia de acordo com o ideal do amor perfeito. Já o vestido de baile, reflete o encerramento simbólico dessa mesma jornada, uma reinterpretação moderna do seu “eu” original. Essa continuidade visual reforça a ideia de que o figurino final atua como uma ponte entre os dois universos, reafirmando a proposta de *Encantada* (2007), de que é possível amadurecer sem perder seu encanto.

7 Considerações Finais

O trabalho da figurinista Mona May destaca-se por articular, de forma consciente, referências históricas da moda e demandas narrativas do

¹⁴ Disponível em:
<https://www.monamay.com/enchanted>

cinema, traduzindo visualmente o percurso de transformação da personagem Giselle ao longo de *Encantada* (2007). Os figurinos analisados não apenas reforçam o contraste entre o universo idealizado de Andalasia e o cotidiano urbano de Nova York, mas constituem uma narrativa não verbal que acompanha e simboliza o amadurecimento da protagonista. A progressiva substituição de vestidos volumosos e fantasiosos por trajes de linhas mais simples e contemporâneas, evidencia sua adaptação ao mundo real e a construção de uma identidade feminina mais autônoma, sem que o encanto original da personagem seja completamente abandonado.

A análise semiótica das cenas selecionadas, apoiada em referências a diferentes períodos da história da moda demonstra que cada figurino atua como signo cultural e narrativo, marcando etapas específicas da trajetória emocional de Giselle. Nesse sentido, o figurino revela-se um elemento estruturante da linguagem cinematográfica, capaz de articular significados simbólicos, históricos e afetivos por meio da imagem. Assim, *Encantada* (2007) reafirma o figurino como um recurso expressivo fundamental no cinema, evidenciando o diálogo constante entre moda, narrativa audiovisual e imaginário coletivo. Ao reinterpretar mitos clássicos e deslocar o arquétipo da princesa para uma perspectiva mais contemporânea, o filme propõe uma reflexão sobre os papéis femininos e suas representações, ultrapassando o entretenimento e consolidando-se como um relevante estudo visual e simbólico¹⁵.

15 Correção gramatical realizada por: Nicolý Grevetti, mestranda em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. Email: nicolygrevetti@gmail.com

Agência de pesquisa financiadora da pesquisa

Não aplicável.

Declaração de conflito de Interesses

Os autores declaram não ter conhecimento de conflitos de interesses financeiros ou relacionamentos pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Contribuição dos Autores e Colaboradores (CRediT - Contributor Roles Taxonomy)

Ex: Letícia Gabryelle; Letícia propôs o tema, escolheu o filme e delineou o foco da análise. Metodologia: Amilcar Bezerra; Amilcar elaborou a metodologia com base em estudos anteriores e adaptou-a ao objeto de pesquisa. Análise e Investigação: Letícia Gabryelle; Letícia realizou a análise fílmica e interpretativa dos figurinos, bem como o levantamento e correlação das referências. Redação – Rascunho Original: Letícia Gabryelle; Letícia redigiu a primeira versão integral do artigo. Redação – Revisão e Edição: Amilcar Bezerra; Amilcar revisou o texto, realizou ajustes conceituais e sugeriu aprimoramentos na argumentação e clareza.

Material suplementar

O material suplementar referente a este artigo está disponível online.

Agradecimentos

Não aplicável.

Referências

20 Years Ago, 'Clueless' Like Totally Changed '90s Fashion And Vernacular. NPR: Movie Interviews, 17 jul 2015. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/movies-tv/a33338147/clueless-costume-designer-mona-may>. Acesso em: 14 out. 2025.

A BELA e a Fera. Direção: Gary Trousdale; Kirk Wise. Produção de Don Hahn. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1991. Disney+ (84 min), son., color.

A PEQUENA Sereia. Direção: Ron Clements; John Musker. Produção de John Musker e Howard Ashman. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. Disney+ (83 min), son., color.

ABOUT Mona May. **Mona May** - Site Oficial. Disponível em: <https://www.monamay.com/about>. Acesso em: 23 mar. 2025.

A QUICK History Lesson: The Disney Eras. **The Disney Classics**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.thedisneyclassics.com/blog/thedisneyeras>. Acesso em: 13 mar. 2025.

BARBOSA, Karina Gomes. Encantada e o ABC do Amor. **Revista Panorama**. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article>. Acesso em: 13 mar. 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

AMY Addams. **Britannica**, 03 dez. 2023 Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Amy-Adams>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CAVALLI, Andrea. Courteney Cox e Jennifer Aniston deslumbram no tapete vermelho. **Who What Wear**. Disponível em: <https://www.whowhatwear.com/courteney-cox-jennifer-aniston-red-carpet>. Acesso em: 8 abr. 2025.

CINDERELA. Direção: Clyde Geronimi; Wilfred Jackson; Hamilton Luske. Produção de Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1950. Disney+ (74 min), son., color.

COSTA, F. A. de. O figurino como elemento essencial da narrativa. **Famecos: Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 8, p. 38-41, ago. 2002.

ENCANTADA. Direção: Kevin Lima. Produção de Barry Sonnenfeld e Barry Josephson. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2007. Disney+ (107 min), son., color.

ENCANTADA. IMDB (Internet Movie Database). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0461770/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ENCANTADA: curiosidades. Papo de Cinema [s.d.]. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/encantada/curiosidades/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

HOULE, Michelle. Kevin Lima. **Quarog.org**, 1999-2025. Disponível em: https://quahog.org/FactsFolklore/Personalities/Lima_Kevin. Acesso em: 23 mar. 2025.

HSU, James. The Greatness of Amy Adams. **Medium**, 27 mar. 2014. Disponível em: https://medium.com/@james_hsu/the-greatness-of-amy-adams-7a249aeb91ae. Acesso em: 14 out. 2025.

JON Kasarda. IMDB (Internet Movie Database). Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/name/nm0440426>. Acesso em: 26 mar. 2025.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Senac, 2012.

LEGARI, Maria C. História da moda de 1950 a 1960. **Blog da Maria C. Legari**, 11 jun. 2017. Disponível em: <https://blogdamaricalegari.com.br/2017/06/11/historia-da-moda-de-1950-a-1960/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

LAWSON, Richard. *Disenchanted* loses some of *Enchanted's* magic. **Vanity Fair**, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MACIEL, Eduardo Jorge Carvalho; MIRANDA, Ana Paula Celso de. DNA da imagem de moda. In: **Colóquio Nacional de Moda**, 5., 2009, Recife. Anais. São Paulo: Abepem, 2009. Disponível em: <https://DNA-Da-Imagem-de-Moda-Eduardo-Maciel-Ana-Paula-Celso-de-Miranda>. Acesso em: 1 out. 2025.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, Fundação Getúlio Vargas, jan./mar., 2007.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo II: mercados, significados e gerenciamento de marcas**. São Paulo: Mauad X, 2012.

MIRANDA, A. P. C. de; BEZERRA, A. A. Diálogos entre marcas de moda e narrativa cinematográfica em Anna Karenina. **dObra[s]** – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 23-29, 27 out.

2015. DOI: 10.26563/dobras.v8i17.6. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/6>. Acesso em: 1 out. 2025.

NETO, Renato D. T. Imperatriz da moda: o esplendoroso estilo de Elisabeth (Sissi) da Áustria. **Rainhas Trágicas**, 12 mai. 2021. Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2021/05/12/imperatriz-da-moda-o-esplendoroso-estilo-de-elisabeth-sissi-da-austria/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guaresch. 5a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SARGENT, John Singer. **Portrait of Millicent, Duchess of Sutherland**. 1904. Óleo sobre tela, 254 x 146 cm. Museo Nacional Thyssen-Bornemisza, Madrid. Disponível em: <https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/sargent-john-singer>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SILVA, DIANE ; ALMEIDA BEZERRA, AMÍLCAR ; COUTINHO PEPECE, OLGA MARIA ; CELSO DE MIRANDA, ANA PAULA . Figurino como narrativa não verbal: uma análise de Daenerys Targaryen da série Game of Thrones. **Diálogo com a Economia Criativa**, v. 2, p. 71-105, 2017.

SIROKY, Mary. It's Time to Talk About Amy Adams. **The Simple Cinephile**, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://thesimplecinephile.wordpress.com-its-time-to-talk-about-amy-adams>. Acesso em: 14 out. de 2025.

SPELLINGS, Sarah. Creating the Iconic Wardrobe of 'Clueless'. **Vogue**, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/clueless-costumes-mona-may-interview>. Acesso em: 14 out. 2025.

TARZAN. Direção: Chris Buck; Kevin Lima. Produção de Bonnie Arnold. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. Disney+ (88 min), son., color. WILLIAMS, Spencer. Enchanted with Mona May – The Art of Costume Blogcast. **The Art of Costume**, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://enchanted-with-mona-may-the-art-of-costume-blogcast/>. Acesso em: 7 out. 2025.

WILLIAMS, Spencer. The Wonderful World of Mona May: An Interview. **The Art of Costume**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://theartofcostume.com/2020/10/21/the-wonderful-world-of-mona-may-an-interview/>. Acesso em: 7 out. 2025.

YAPTANGCO, Ariana. Clueless Costume Designer Mona May on Redefining '90s Fashion. **ELLE**, 17 jul. 2020. Disponível em: elle.com/culture/movies-tv/clueless-costume-designer-mona-may. Acesso em: 14 out. 2025.

ZULIANI, André. Encantada: 10 curiosidades sobre o filme com Amy Adams. **Tangerina**, 11 nov. 2016. Disponível em: <https://tangerina.uol.com.br/filmes-series/encantada-10-curiosidades-amy-adams/>. Acesso em: 26 mar. 2025.